

Educação do corpo, dor, sacrifício: um estudo com competidores de atletismo¹

MICHELLE CARREIRÃO GONÇALVES:

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

ALEXANDRE FERNANDEZ VAZ:

Professor do Departamento de Metodologia de Ensino da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

1. Introdução

É inegável o destaque que alcançou o esporte na sociedade contemporânea, seja na esfera do entretenimento, quando assume a forma de espetáculo, da economia, ao tornar-se um lucrativo mercado, dos valores morais, quando os ideais do *fair play* são exaltados. Tampouco se pode esquecer a posição do corpo nas práticas esportivas, tanto no que diz respeito às questões estéticas, quando os atletas são tomados como exemplos de beleza, quanto *performáticas*, ao surgirem como expressão de potência. O esporte representa uma das formas privilegiadas de disciplinamento, domínio e potencialização do corpo, por meio de um conjunto de técnicas cientificamente elaborado, processo que conhecemos como treinamento esportivo. Trata-se de uma forma de *educação do corpo*.

Uma das questões que desafiam a compreensão do esporte são as relações dos atletas com seus próprios corpos, ou, dito de outra forma, como estes significam a necessária instrumentalização corporal, exigência tanto do treinamento, quanto da performance competitiva. O atletismo – modalidade olímpica tradicional composta por corridas, saltos, marcha, arremessos e lançamentos – aparece como uma das práticas esportivas em que essas relações se colocam com maior clareza, talvez porque lhe seja menos frequente o momento de jogo presente em esportes coletivos.

O domínio sobre o corpo aparece simultaneamente como requisito para o desempenho esportivo e o correspondente treinamento corporal, assim como resultado desse próprio processo. Nesses termos, o sacrifício de si é elemento constituinte dessa experiência que contribui para a composição de uma pedagogia das práticas corporais, seja porque o modelo esportivo é exemplar para a escola e para a indústria do entretenimento, ou ainda porque promove certo culto à dor como algo em si moralmente positivo. Essa relação, mediada pelas técnicas de aprimoramento com vistas ao rendimento, e organizada social e historicamente pelas práticas esportivas, parece ser determinada, em grande medida, pelo movimento de redução do corpo à mera naturalidade e/ou à condição de máquina. Autores de tradições algo distintas, como o historiador Peter Gay ou o filósofo Theodor W. Adorno convergem nessa direção. Enquanto o primeiro mostra como o esporte se desenvolve como retentor das pulsões violentas no contexto repressivo e modelador da Inglaterra Vitoriana (GAY, 1993), o segundo sugere que ao esporte corresponde uma educação pela dureza e pela severidade, expressão dos processos reificadores da sociedade contemporânea (ADORNO, 1971).

¹ O trabalho é resultado parcial do projeto Teoria Crítica, Racionalidades e Educação III, financiado pelo CNPq (Auxílio pesquisa, bolsa de produtividade em pesquisa, bolsa de apoio técnico, bolsas de iniciação científica, PIBIC e PIBIC-EM).

Considerando esse quadro, apresentamos neste artigo os resultados de uma pesquisa com atletas adultos profissionais ou semi-profissionais² de atletismo, com foco nas técnicas, sacrifícios e rituais que compõem o cotidiano do treinamento desta modalidade. Tratamos nas páginas a seguir, depois de apresentar os atores do campo, de algumas questões referentes à dinâmica própria do atletismo, tendo como enfoque formas de subjetivação da prática esportiva. Analisaremos, em especial, como a dor e o sofrimento, frequentemente emoldurados pelos sacrifício, compõem a rotina e os rituais, encontrando lugar central no cenário pesquisado.

2. O campo e seus atores

Para a realização da pesquisa foram feitas observações sistemáticas de treinamentos em uma cidade do sul do Brasil por um período de dois meses, totalizando 18 observações registradas em diário de campo³, e da competição-alvo dos atletas observados, os *Jogos Abertos de Santa Catarina (JASC)*, bem como entrevistas narrativas com cinco protagonistas da modalidade. O critério de escolha da equipe pesquisada e dos atletas entrevistados foi determinado pelo nível competitivo. Quer dizer, só foram considerados para a pesquisa aqueles atletas que tinham como principal competição anual os *JASC*⁴, evento esportivo mais importante do estado de Santa Catarina.

Sete atletas (três homens e quatro mulheres) que treinavam para disputar a competição supracitada geraram as fontes da pesquisa. Todos treinavam no mesmo lugar e sob a mesma orientação técnica, ainda que representassem municípios diferentes – situação possível por causa do caráter predominantemente individual da modalidade – o que fazia com que uma “visão de equipe” fosse relativizada naquele espaço e momento. Essa é uma condição fluida, já que os contratos de trabalho mudam anualmente, o que faz com que os adversários de hoje possam ser colegas de equipe de amanhã.

As sessões de treinamento observadas ocorreram no espaço de uma Universidade pública, na pista de atletismo localizada no centro esportivo da instituição. A pista é aberta à comunidade, não sendo rara a presença de não-atletas que realizam caminhadas e até mesmo corridas no local. Além disso, há ainda os estudantes de Educação Física da instituição que utilizam a pista para a realização de aulas práticas referentes à disciplina de atletismo⁵, componente curricular daquele curso.

Os cinco atores investigados foram os seguintes:

² Utilizamos aqui o termo semi-profissionais, pois como veremos mais adiante, todos os sujeitos pesquisados se relacionavam financeiramente, mesmo que de forma discreta, com o esporte, ainda que nenhum deles tivesse o atletismo competitivo como profissão.

³ Os registros no caderno de campo se caracterizaram pelo cotidiano observado na pista, como os treinos diários, os horários de chegada e de saída dos atletas, os rituais de início e de término das atividades, bem como conversas e falas realizadas pelos sujeitos do campo (atletas e técnico).

⁴ É importante dizer que dentro de uma mesma equipe existem atletas de diferentes idades e, conseqüentemente, diferentes categorias competitivas. Por isso, para esse trabalho nos concentramos nos atletas mais experientes, que têm como foco os *Jogos Abertos de Santa Catarina*, por considerarmos que esses atletas adultos já treinam há mais tempo e que, por isso, já “incorporaram” a rotina e a lógica do treinamento esportivo.

⁵ O curso de Educação Física da Universidade citada conta, em seu currículo, com disciplinas referentes às diferentes modalidades esportivas, como atletismo, voleibol, basquetebol, futebol, handebol, natação, entre outras.

- Juliana: 23 anos; ex-atleta⁶; começou a treinar com apenas 9 anos de idade, iniciando nas competições de rua, passando depois para as de pista, competindo no meio-fundo (800m, 1.500m e 3.000m), fundo (10.000m), velocidade com barreiras (100m com barreiras e 400m com barreiras) e heptatlo (combinação de sete provas disputadas em dois dias consecutivos), e eventualmente compondo os revezamentos (4x100m e 4x400m); professora de Educação Física; foi atleta de atletismo durante 11 anos; sonhava em ser atleta profissional, mas, segundo ela, nunca teve o talento necessário e isso teria sido um dos motivos que lhe fez abandonar a dedicação ao esporte.
- Eduardo: 29 anos; atleta; compete nas provas de 100m e 200m, além dos revezamentos (4x100m e 4x400m); estudante de Educação Física; começou a treinar com 15 anos; sonhava em ser atleta profissional, mas hoje diz ser consciente de que isso não é mais possível, entretanto, mantém uma relação profissional com o atletismo⁷.
- Lefícia: 24 anos; atleta; compete nas provas de 400m e 400m com barreiras, além dos revezamentos (4x100m e 4x400m); formada em Educação Física; começou a treinar com 18 anos; afirma que nunca pensara em ser atleta profissional, mas no momento da pesquisa recebe remuneração para representar um município.
- Jean: 21 anos; atleta; compete nas provas de 400m e 400m com barreiras, além dos revezamentos (4x100m e 4x400m); estudante⁸; começou a treinar com 16 anos e tampouco avaliou a possibilidade de ser atleta profissional, embora receba salário para ser atleta.
- Jairo: 51 anos; técnico; ex-atleta em provas de 110m com barreiras, 200m, 400m e 400m com barreiras (suas especialidades), além dos revezamentos (4x100m e 4x400m); professor universitário na área de Educação Física; começou no atletismo aos 15 anos e treinou a modalidade durante 18 anos; participou de competições em nível nacional e internacional; afirma ter abandonado as competições devido ao trabalho e aos estudos de pós-graduação.

3. Treinamento corporal: controle e organização da dor

Uma das questões de destaque no campo pesquisado se relaciona a um aspecto presente na dinâmica de práticas corporais como o atletismo: a dor tomada como imprescindível para a apreensão da condição somática, o que inclui a incorporação técnica e a importância de sua superação para que o desempenho seja mais elevado.

Dominar e mesmo esquecer a dor fazem parte da dinâmica do treinamento corporal, característica que não é mais do que uma expressão do processo geral de formação do sujeito, da civilização e da cultura, como mostra a tradição que remonta a Nietzsche (2000) e Freud (1975), chegando à sociologia de

⁶ Juliana foi a única entrevistada que já havia abandonado a modalidade quando o trabalho de campo iniciou, dedicando-se a outro esporte naquele momento. No entanto, nós a consideramos uma importante fonte para o trabalho, por conta do início precoce e dos longos anos dedicados à prática do atletismo. Vale destacar sua ligação ao campo observado, já que sempre treinara na pista onde realizamos as observações e com o técnico que também foi fonte da pesquisa.

⁷ Ser atleta profissional significa, aqui, algo além de ter o esporte apenas como meio de subsistência, já que para os atletas entrevistados, o atletismo é também um trabalho na medida em que são contratados por municípios e que são pagos para representá-los nas competições. Ser um atleta profissional significa (para os nativos, praticantes desse esporte) ser um atleta de alto nível, que participa de competições internacionais e que para isso vive apenas do atletismo (e para o atletismo).

⁸ Vale dizer que Jean, depois de encerrado o trabalho de campo, também ingressou no curso de Educação Física, assim como seus colegas.

Norbert Elias (1988). Se o que chamamos de cultura e de civilização supõe a auto-regulação corporal, um controle das emoções e uma tentativa de domar o aparato pulsional, é na lógica estrutural do treinamento esportivo que isso alcança um plano que talvez só se compare, em força e extensão, às práticas da dieta (VAZ, 1999). Sem que o corpo seja tomado como objeto que pode (e deve) ser controlado e manipulado, não há treinamento possível e não haverá, portanto, rendimento a alcançar.

A dor, “experiência sensitiva e emocional desagradável (...) [sendo] uma das informações aferentes mais importantes para a preservação da vida.” (RUBIO; MOREIRA, 2007, p. 927), não é apenas uma companheira diária, mas uma sensação que deve ser superada a cada momento. De certa forma, precisa ser *esquecida*, mesmo que dela os atletas aprendam a gostar ao considerá-la expressão moral do dever cumprido a cada treino, de que o limite foi alcançado em cada sessão. Afinal, “Ao esporte compete não apenas o impulso à violência, mas também a suportá-la e tolerá-la.” (ADORNO, 1997, p. 79-80; 1998, p. 76).⁹

3.1 O *esquema* sacrificial do esporte

A dor proveniente do treinamento remete ao sacrifício feito em nome do rendimento esportivo. Como ensinam Mauss e Hubert, “o sacrifício é um ato religioso que, mediante a consagração de uma vítima, modifica o estado da pessoa moral que o efetua ou de certos objetos pelos quais ela se interessa.” (2005, p.19). Seu esquema é composto pelo sacrificante (aquele que sacrifica a si mesmo para poder sacrificar o outro, a vítima, recolhendo os benefícios do processo), o sacrificador (o intermediário entre o sagrado e o profano, uma espécie de guia do sacrifício), o lugar e os instrumentos do sacrifício (que são também sagrados, pois o sacrifício, assim como todo ritual, não pode ocorrer em qualquer lugar, nem de qualquer jeito, sob pena de perder seu efeito).

No caso do esporte, podemos dizer, a partir da análise do rito sacrificial realizado pelos autores acima citados, que o próprio treinamento representa um sacrifício, na medida em que o atleta é o sacrificante que oferece seu próprio corpo ao sacrifício (o que vai gerar uma postura ascética), dilacerando-o em nome dos benefícios futuros, ou seja, a vitória e um bom rendimento; o técnico é o sacrificador, aquele que guia o sacrificante até o resultado esperado, pois detém o conhecimento das técnicas necessárias para tal fim, evitando que o atleta faça algo errado durante o treinamento (sacrifício), o que resultaria na não concretização do objetivo pretendido, o bom desempenho. A pista de atletismo e o conjunto de técnicas cientificamente elaboradas que constituem o treinamento esportivo são o lugar e os instrumentos sagrados que oportunizam a efetivação do sacrifício, em forma de ritual¹⁰.

Aqui interessa-nos, sobretudo, a figura do sacrificante, que, no caso do esporte, é aquele que é, ao mesmo tempo, quem se sacrifica e que é sacrificada (algoz e vítima). O atleta, assim como o sacrificante dos ritos mágicos, sacrifica seu antigo corpo (aquele corpo não atlético) para tornar-se outro (um corpo atlético),

⁹ Os documentários sobre atletas brasileiros em treinamento pré-olímpico, *Travessia da dor* e *Travessia do ar*, ambos de Dorrit Harazim, apresentam de forma bastante precisa e detalhada esse processo.

¹⁰ Destaca-se aqui o caráter ritualístico do treinamento esportivo, ou seja, o treinamento, assim como outros ritos, é um conjunto de atos formalizados que têm uma ordem característica que não pode ser quebrada. Se o for, o objetivo não será alcançado. No treinamento, a delimitação de uma sequência básica das sessões – a saber: aquecimento, desenvolvimento e volta à calma – e dos chamados princípios básicos ou científicos (DANTAS, 1998) – princípio da individualidade biológica, da adaptação, da sobrecarga, da continuidade, da interdependência volume-intensidade e da especificidade – parece demarcar essa questão. Como em todos os rituais, o procedimento deve ser respeitado e cumprido, podendo ser, inclusive, idêntico, mesmo quando utilizado para finalidades diferentes (MAUSS; HUBERT, 2005) – algo exemplar no caso do treinamento, que tem sua lógica reproduzida para diferentes fins, como emagrecimento e embelezamento (no caso das academias de ginástica), ou ainda como aprimoramento do desempenho estético (no caso da dança), para determo-nos apenas em alguns exemplos.

um iniciado, a partir de um processo de separação, de saída de um estado comum em direção a outro, mais elevado (seja no âmbito do sagrado, no caso do religioso, seja no âmbito do profano, no caso do esporte). Em todo sacrifício, afirmam Mauss e Hubert (ibid, p. 106), "há um ato de abnegação, já que o sacrificante se priva e dá. (...) Mas essa abnegação e essa submissão [aos deuses] não suprimem um retorno egoísta. Se o sacrificante dá algo de si, ele não se dá: reserva-se prudentemente. Se ele dá, é em parte para receber." Desta forma, o ato sacrificial apresenta-se para esses autores, sob um duplo aspecto, sendo não apenas útil, mas também uma obrigação. Desprendimento e interesse se misturam ganhando forma contratual, na medida em que as duas partes envolvidas intercambiam serviços e recebem vantagens.

Figura exemplar que se submete ao *esquema sacrificial*, segundo a interpretação frankfurtiana (ADORNO; HORKHEIMER, 1985), é a do herói Ulisses, personagem central da Odisseia que corresponde ao protótipo do indivíduo burguês, aquele que sai do mundo mítico em direção ao esclarecido. Ulisses reconhece sua fraqueza perante a natureza e é por isso que se torna forte. É sua astúcia que o faz sair vencedor de todas as aventuras travadas com a natureza, na medida que a ludibria por meio da substituição do sacrifício pelo sacrifício. Ulisses, ao invés de ser sacrificado pela natureza externa, mitológica, para vencer os mitos que pretendem enredar-lhe em suas malhas, sacrifica-se a si mesmo, enganando a natureza e sobrevivendo a ela. Pois, "ao calcular seu próprio sacrifício, (...) efetua a negação da potência a que se destina esse sacrifício. Ele recupera a vida que deixara entregue." (ibid, p. 58). Isto só é possível por meio de uma racionalização do ato sacrificial. "A astúcia nada mais é do que o desdobramento subjetivo dessa inverdade objetiva do sacrifício que ela vem substituir." (ibid, p. 59).

Este *esquema* sacrificial, de privação e recebimento, parece ser o mesmo encontrado na dinâmica esportiva, no interior da qual atletas oferecem seus corpos em troca de outro, mais potente e performático. Perdem-se, a fim de ganhar a si mesmos, assim como o herói Ulisses. Neste espaço tipicamente moderno (esporte), o sacrifício externo é substituído pelo sacrifício interno, quando o corpo é frequentemente violentado e oferecido em nome do rendimento.

3.2 Dor e *dilaceramento corporal*: o caso das lesões

A dor e o sofrimento derivados do constante desgaste corporal resultante do treinamento precisam ser dominados diariamente, nas formas do ritualismo do sacrifício. Nessa dinâmica exaustiva e dilacerante, relatos sobre lesões e enfermidades não são raros, como nos mostra o seguinte extrato retirado do diário de campo:

Eduardo não treina nesse dia. Ele me diz que está com uma íngua na virilha e que nem consegue andar direito por causa disso. Como falta pouco mais de uma semana para o JASC, ele foi ao médico para tentar encontrar uma solução rápida para o problema: "Eu falei pro médico 'minha perna pode tá infestada, mas eu quero um remédio que não faça eu sentir dor quando levantar a perna, porque eu preciso correr o JASC'.". Ele reclama que mal se recuperou de uma lesão e que já apareceu outro problema em sua perna, mas mesmo assim vai competir¹¹.

¹¹ *Diário de campo*, pág. 36, outubro de 2005.

É possível observar que a dor causada pelas lesões é algo que molesta os atletas, porém não deve ser impedimento para a prática da modalidade. Os atletas demonstram que esta dor deve ser superada, pois as lesões são um elemento a mais na rotina de treinamento, um obstáculo a ser vencido, pois eles, assim como os pugilistas, "devem também aprender a controlar e a conviver com o desconforto físico, com a dor e com os ferimentos." (WACQUANT, 1998, p. 82).

Neste sentido, é possível dizer que há no esporte, de certa forma, a presença de um aspecto masoquista, se pensarmos em suas características como "excessos tolerados" (ADORNO, 1998, p. 76): violência, sofrimento e um forte discurso (e prática) disciplinador, quando autoritarismo e obediência se encontram na aceitação frequentemente sem reservas das regras. Assim, o esporte é, ainda que não só, expressão da agressividade, da crueldade e do espírito predatório, conectando-se diretamente às manifestações arcaicas do homem não civilizado. Vale dizer, neste contexto, a técnica pode ser vista não apenas como uma maneira de incrementar o rendimento e diminuir o esforço para o alcance do mesmo resultado, mas como uma forma de organizar a dor e o sofrimento, potencializando o corpo para suportar e erigir o sacrifício de maneira mais aguda.

No entanto, essa potenciação não necessariamente aproxima mais o homem da natureza e de sua humanização. A promessa do esporte moderno de "restituir ao corpo uma parte das funções que lhe foram retiradas pelas máquinas" (ibidem) com o desenvolvimento da industrialização, cai por terra a partir do momento em que o corpo se assemelha à máquina, colocando-se a seu serviço e à mercê de sua dinâmica, numa espécie de adaptação ao modelo industrial. Organismo e máquina se confundem numa relação patológica, o que acaba por se refletir numa violência sobre o corpo, acarretando a sua transformação como objeto manipulável, coisa morta, cadáver.

Não podemos nos livrar do corpo e nós o louvamos quando não podemos golpeá-lo. [...] Os que na Alemanha louvavam o corpo, os ginastas e os excursionistas, sempre tiveram com o homicídio a mais íntima afinidade, assim como os amantes da natureza com a caça. Eles veem o corpo como um mecanismo móvel, em suas articulações as diferentes peças desse mecanismo, e na carne o simples revestimento do esqueleto. Eles lidam com o corpo, manejam seus membros como se estes já estivessem separados. A tradição judia conservou a aversão de medir as pessoas com um metro, porque é do morto que se tomam as medidas – para o caixão. É nisso que encontram prazer os manipuladores do corpo. Eles medem o outro, sem saber, com o olhar do fabricante de caixões, e se traem quando anunciam o resultado, dizendo, por exemplo, que a pessoa é comprida, pequena, gorda, pesada. Eles estão interessados na doença, à mesa já estão à espreita da morte do comensal, e seu interesse por tudo isso é só muito superficialmente racionalizado como interesse pela saúde. A linguagem acerta o passo com eles. Ela transformou o passeio em movimento e os alimentos em calorias (...) Com as taxas de mortalidade, a sociedade degrada a vida a um processo químico. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 219).

Essa valorização da dor e do sofrimento em práticas corporais como o atletismo, fez-se presente, também, na relação tensa com as lesões. Por um lado tem-se certo *culto às lesões*, quando as machucaduras aparecem como motivo de orgulho para seus praticantes, valorizando-se as marcas deixadas pelo constante e duro treinamento corporal, espécie de prêmio pelo trabalho realizado.

Jean fica ali mesmo na pista. Ele conversa com Jairo e com Gustavo (uma espécie de ajudante do técnico, que trabalha com a iniciação¹²) sobre sua lesão. É interessante observar que essa conversa lhes é muito familiar. Todos falam de suas próprias lesões com um aparente orgulho¹³.

Entretanto, por outro lado, a lesão é tomada como empecilho, algo que atrapalha o desempenho e, muitas vezes, frustra as expectativas dos atletas. Mas, como, de certa maneira, é inevitável, deve-se conviver com ela (assim como com a dor derivada do próprio treinamento).

Estava mal no ranking estadual, porque eu tive muita lesão. Muita lesão. (...) E eu machuquei meu joelho no meio da prova dos Jogos Abertos, no salto em distância. Tive uma lesão... Não foi grave a lesão. Foi uma luxação no menisco. Algo assim. Só que eu não conseguia nem andar. No meio do salto em distância. *(Juliana, ex-atleta)*

Nesse relato, encontramos uma perspectiva de normalidade no que diz respeito ao *dilaceramento corporal*, pois mesmo deixando-a sem poder caminhar, a lesão não foi considerada grave pela informante. Neste sentido é possível dizer que os atletas de atletismo, outra vez como os pugilistas,

têm a sua disposição um rico “vocabulário de motivo” que lhes permite enfrentar a dor [...] não por meio da denegação silenciosa, mas pela valorização pessoal e pela solenização coletiva. Para o lutador profissional, a dor é um correlato inevitável do exercício profissional adequado, e um meio indispensável para atingir os fins perseguidos. (WACQUANT, 1998, p. 82).

3.3 Tipologias da dor

Há, segundo os sujeitos do campo, dois *tipos* de dor: a psicológica e a somática. Parece ser que a do primeiro *tipo* é uma expressão de covardia, de medo do embate¹⁴, diferentemente da física, que surgiria como uma resultante do próprio treinamento, já que o estresse empregado no corpo é muito maior do que aquele que se poderia chamar de moderado. O medo, o “amarelar”¹⁵ – segundo o discurso nativo –, não é visto com bons olhos, pois demonstra uma fraqueza muitas vezes relacionada com o despreparo, com a falta ou a má qualidade do treino. No entanto, como nos diz uma informante, mesmo que seja dor psicológica, “não quer dizer que eu não sinta dor” *(Juliana, ex-atleta)*.

Assim, os dados apontam que este outro tipo de dor, chamada de “psicológica” e que geralmente se manifesta na competição (muitas vezes sob a pressão de vencer), mas também nos momentos pré-competitivos, ou até mesmo nos treinos. A dor aparece, neste caso, como um dispositivo que dificulta ainda

¹² *Iniciação* corresponde ao processo de introdução de crianças no esporte. No caso do campo estudado, existe um projeto de extensão (da Universidade, já que a pista está localizada no campus e que o principal técnico da equipe é professor dessa instituição), em que acadêmicos do curso de Educação Física atuam, trabalhando numa espécie de “escolinha de atletismo”, onde são passadas as noções básicas do treinamento e das provas desse esporte para os iniciantes. Na maioria dos casos, os acadêmicos que trabalham nesse projeto já foram ou ainda são atletas de atletismo.

¹³ *Diário de campo*, pág. 6, setembro de 2005.

¹⁴ É conhecida a relação entre esporte e guerra, o primeiro sendo uma dramatização da segunda, algo visível, entre outros elementos, no vocabulário empregado por atletas, espectadores e comentaristas. Outro elemento a compor esse quadro é aquele destacado por Virilio (1996), segundo o qual diversas técnicas de guerra são a antecipação do que será visto no esporte e no treinamento corporal. O exemplo das respostas fisiológicas em grandes altitudes é bastante eloquente. Lembre-se também que vários centros de treinamento estão vinculados a instituições militares, como é o caso, no Brasil, do Centro de Educação Física Almirante Alberto Nunes (CEFAN), da Marinha.

¹⁵ “Amarelar” significa sentir medo no momento da competição e, por isso, ter um rendimento abaixo do possível. Sobre isso, diz uma informante: É uma coisa impressionante! É que tu vais entrar na prova e uma coisa que eu não gosto é que as pessoas ficam julgando: está com medo de correr, treinou mal. Não! Tem tanta coisa que acontece! Primeira coisa que todo atleta fala mal sobre o outro é: “Ficou com medo. Amarelou.”. *(Leticia, atleta)*

mais a relação entre competidor e competição, pois prejudica o desempenho, resultando em rendimento abaixo do esperado. A tensão gerada perante a competição traz consigo alterações subjetivas representadas, principalmente, pelo “medo de perder”. Mais uma vez cabe então ao atleta aprender, como sugere a Psicologia do Esporte, a “superar obstáculos, a cooperar com os companheiros, a desenvolver autocontrole e persistir diante da derrota, tornando-se por isso, em muitos casos, um referencial de projeção de identidade.” (RUBIO, 2006, p. 88).

Esse autocontrole exigido aos atletas aproxima-se novamente da figura de Ulisses, daquele que precisa, para se tornar sujeito, sacrificar sua própria natureza, seu corpo, reprimindo suas pulsões e desejos em nome da racionalidade, premissa fundamental para a civilização ocidental. Talvez o esporte leve esse processo a planos muito elevados, já que nele o domínio de si é exigência para sua concretização, tanto na esfera orgânica, como subjetiva, já que os sentimentos (sejam eles dores, medo, nervosismo, euforia, etc) devem ser suplantados em nome da *performance* e do resultado. O atleta que se deixa dominar por suas paixões indeterminadas torna-se fraco e no esporte não há lugar para a debilidade, uma vez que é espaço de construção de uma identidade guerreira e sempre pronta para o desafio, para o combate. O aprendizado para suportar e mesmo para gozar com a dor se dá nos treinamentos.

Mas não nos esqueçamos da dor física, que pode ser também de dois *tipos*: a cotidiana, resultante do treinamento, e a derivada das lesões. Esta diferenciação, apontada pelo próprio campo, só vai sendo percebida e aprendida com a experiência, depois de conviver longos períodos com a dor.

Tu vais aprendendo. Tu vais te conhecendo. Tu sabes que depois dessa dor... Agora eu sei quando é dor de treino, quando é dor de lesão. Depois que tu vais aprendendo, mas depois de se machucar mil vezes. Sentir dor, te machucar, daí que tu vais aprendendo. (*Lelícia, atleta*).

Neste contexto, vê-se também, relacionado à dor, o discurso do “mal necessário”, ou ainda, ela aparece como sinal de comprovação de que o treino “rendeu”. Essa característica também é observada em outras práticas corporais que não o esporte, como a musculação e as lutas¹⁶. Nesses casos, assim como no esporte, a dor é “o inimigo a ser combatido, superado, suportado, ignorado – ou ainda, num registro mais fronteiro, a experiência a ser glorificada, desejada, certificação de que de fato se está indo além dos limites e que, portanto, há mérito na dilaceração do próprio corpo.” (HANSEN; VAZ, 2004, p. 141). A dor que passa a ser vista como normal e também prazerosa, é tomada como um indicador de que o trabalho foi bem-sucedido e para se alcançar o ideal almejado (esteticamente ou performaticamente), seria preciso merecê-lo e o sofrimento simboliza o “preço a ser pago” (ibid, p. 144) por isso.

É em meio à convivência e ao combate às dores e lesões que surge o problema referente à ingestão de remédios. Seja para suportar a dor durante os treinos ou, em casos mais extremos, para poder competir, os atletas tomam anti-inflamatórios¹⁷ e analgésicos¹⁸. Mas mesmo utilizando esse recurso e sabendo da sua funcionalidade no combate à dor (algumas vezes elas são extremas, por causa das lesões, e se faz necessário ingerir algum medicamento), muitas vezes os remédios parecem assumir,

¹⁶ Hansen e Vaz (2004) mostram como isso ocorre em academias de ginástica e musculação. Os trabalhos de Rial (1998), Turelli (2006) e Turelli e Vaz (2008) demonstram como a dor e o sofrimento são elementos importantes na configuração de artes marciais como o judô e o karatê, principalmente no que concerne à conformação de uma identidade viril, combatente, destemida e máscula, mesmo no caso das mulheres.

¹⁷ Fármacos que combatem o processo de inflamação de determinada região do corpo, agindo sobre a resposta imunológica do organismo.

¹⁸ Medicamento sedativo que modifica a percepção da dor no organismo, atenuando-a ou suprimindo-a.

paradoxalmente, um caráter negativo, no sentido de não ser algo “natural”, uma espécie de *intruso* no corpo, negando os ideais de *fair play* e de igualdade formal de chances, presentes no esporte. Segundo esta perspectiva, caberia somente ao corpo, *naturalmente*, adaptar-se, assim como, ao sujeito, sacrificar-se, suportando as dificuldades do treinamento. Surge então outro movimento, que vai contra a ingestão de medicamentos, valorizando apenas os recursos fisioterapêuticos. Recoloca-se aqui a noção romântica de que ao esporte corresponde uma aproximação com a natureza, que aquele reata uma relação perdida com esta, de forma que seriam valorizados nele as dimensões tidas como “naturais”, em detrimento de artificialismos no uso, por exemplo, de drogas. Esta perspectiva acompanha as contemporâneas discussões sobre o uso de doping, e mascara, talvez, o fato de que a construção do corpo (inclusive o esportista) se dá como obra do *homo faber*, que ao diferenciar-se do organismo e dominar a natureza interna, requisito para a civilização, torna-se, sempre, artifício. A opção não se coloca, portanto, entre natureza e cultura, ou entre natural e artificial, mas, simplesmente, entre ser ou não humano.

4. Uma nota final

Tomando para análise um grupo de atletas de atletismo em treinamento em uma cidade do sul do Brasil, deparamo-nos com uma normalização da dor, entendida como parte fundamental da vitalidade atlética. No espaço pesquisado, a dor parece desempenhar um importante papel na conformação subjetiva, o que não poderia ser diferente, já que o esporte é a expressão da violência infligida ao humano (corpo) no processo de construção de si, na forja do ego. A separação entre corpo e mente resultante desse processo traz à tona a necessidade de um extremado controle corporal, processo correspondente à autoconservação do sujeito. Assim como o herói Ulisses, o atleta precisa sacrificar-se, dedicando-se plenamente ao esporte e aceitando suas regras (e aqui nos referimos às do treinamento, como dores, lesões, abdições, entre outras), a fim de experimentar, depois de muita renúncia, algum tipo de gozo ou prazer (representado, geralmente, pela vitória). A violência sobre si termina por subjetivar-se nos atletas, o que faz com que eles valorizem características como a disciplina e a agressão, podendo gerar uma certa compulsão à crueldade contra si mesmo, um gozo associado a ela. Além disso, a escassez do aspecto lúdico, no caso do atletismo, onde a dimensão de jogo é restrita, tende a ampliar ainda mais o sentido de sofrimento para os atletas, já que o trabalho é sempre muito repetitivo, instrumental e solitário. É por isso que talvez seus praticantes tenham, na maioria das vezes, uma postura ascética, no interior da qual disciplina e domínio do corpo são muito valorizados, fazendo com que a dor seja vivida, simultaneamente superada e reificada, transformando o sofrimento em experiência. Os atletas parecem ressignificar o ideal ascético de canalização da dor e do entendimento de que o sofrimento tem sempre uma justificativa para existir.

Referências

- ADORNO, Theodor Wiesegrund (1970). *Erziehung zu Mündigkeit. Vorträge und Gespräche mit Helmut Becker - 1959-1969* (organizado por Gerd Kadelbach). Frankfurt am Main: Suhrkamp.
- _____. (1997). “Veblens Angriff auf die Kultur.”. *Gesammelte Schriften 10-1*. Frankfurt am Main: Suhrkamp.
- _____. (2001). *Prismas: crítica cultural e sociedade*. São Paulo: Editora Ática.
- ADORNO, Theodor Wiesegrund.; HORKHEIMER, Max (1985). *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- DANTAS, Estêlio Henrique Martin (1998). *A prática da preparação física*. Rio de Janeiro: Shape.

- ELIAS, Norbert (1988). *Über den Prozess der Zivilisation*. Frankfurt am Main: Suhrkamp (2 vol.).
- FREUD, Sigmund (1975). "Das Unbehagen in der Kultur.". Studienaussgabe. Frankfurt am Main: Fischer.
- GAY, Peter (1993). *The cultivation of hatred*. New York: Norton & Company.
- HANSEN, Roger; VAZ, Alexandre Fernandez (2004). "Treino, culto e embelezamento do corpo: um estudo em academias de ginástica e musculação.". *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, vol.26, n.1, Campinas, Autores Associados, p. 135-152.
- MAUSS, Marcel; HUBERT, Henri (2005). *Sobre o sacrifício*. São Paulo: CosacNaify.
- NIETZSCHE, Friedrich (2000). *Zur Genealogie der Moral*. Stuttgart: Reclam.
- RIAL, Carmen Sílvia Moraes (1998). "Rúgbi e Judô: esporte e masculinidade.". *Masculino, feminino, plural: gênero na interdisciplinariedade*. Florianópolis: Ed. Mulheres, p. 229-258.
- RUBIO, Kátia (2006). "O imaginário da derrota no esporte contemporâneo.". *Psicologia & Sociedade*, vol. 18, n. 1, Porto Alegre, p. 86-91.
- RUBIO, Kátia; MOREIRA, Flávio de Godoy (2007). "A representação de dor em atletas olímpicos brasileiros.". *Revista Dor*, vol. 8, n. 1, São Paulo, Âmbito Editores, p. 926-935.
- TURELLI, Fabiana Cristina; VAZ, Alexandre Fernandez (2006). "Rituais, masculinidade e representações da dor em caratecas." *Anais 30ª Reunião Anual da ANPOCS* (CD).
- TURELLI, Fabiana Cristina (2008). *Corpo, domínio de si, educação: sobre a pedagogia das lutas corporais*. Florianópolis, SC, 117 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação.
- WACQUANT, Lóïc (1998). "Os três corpos do lutador profissional.". *A dominação masculina revisitada*. Campinas: Papiрус, p. 73 - 94.
- VIRILIO, Paul (1996). *A arte do motor*. São Paulo: Estação Liberdade.